

E AFINAL ESTÁVAMOS TODOS CERTOS



Coleção:
Ilhas e Encantamentos
Ilha de Moçambique

Autor:
Filipe Alage

Ilustrações:
Grupo de jovens desenhistas da Ilha de Moçambique: Abdul Momade, Charmaque Mucussete, Jamal Mussa, Molde Ibraimo, Mussagy Essiaca, Rahisse Sumaila, Saïde Nahota, e Jacinto Abdul





Este livro faz parte de uma coleção de 12 títulos, editada no âmbito do projeto “**Ilhas e Encantamentos**- Reforço do setor da literatura infantojuvenil e de emprego cultural criativo”.

O projeto integra vários territórios – **Ilha de Moçambique, Cidade Velha e Ilha do Maio (Cabo Verde)**, arquipélago dos **Bijagós (Guiné Bissau)** e **Ilhas de São Tomé e do Príncipe** – todos eles com um património material, imaterial e natural único, que se pretende mobilizar para a criação e publicação de literatura para a infância e juventude.

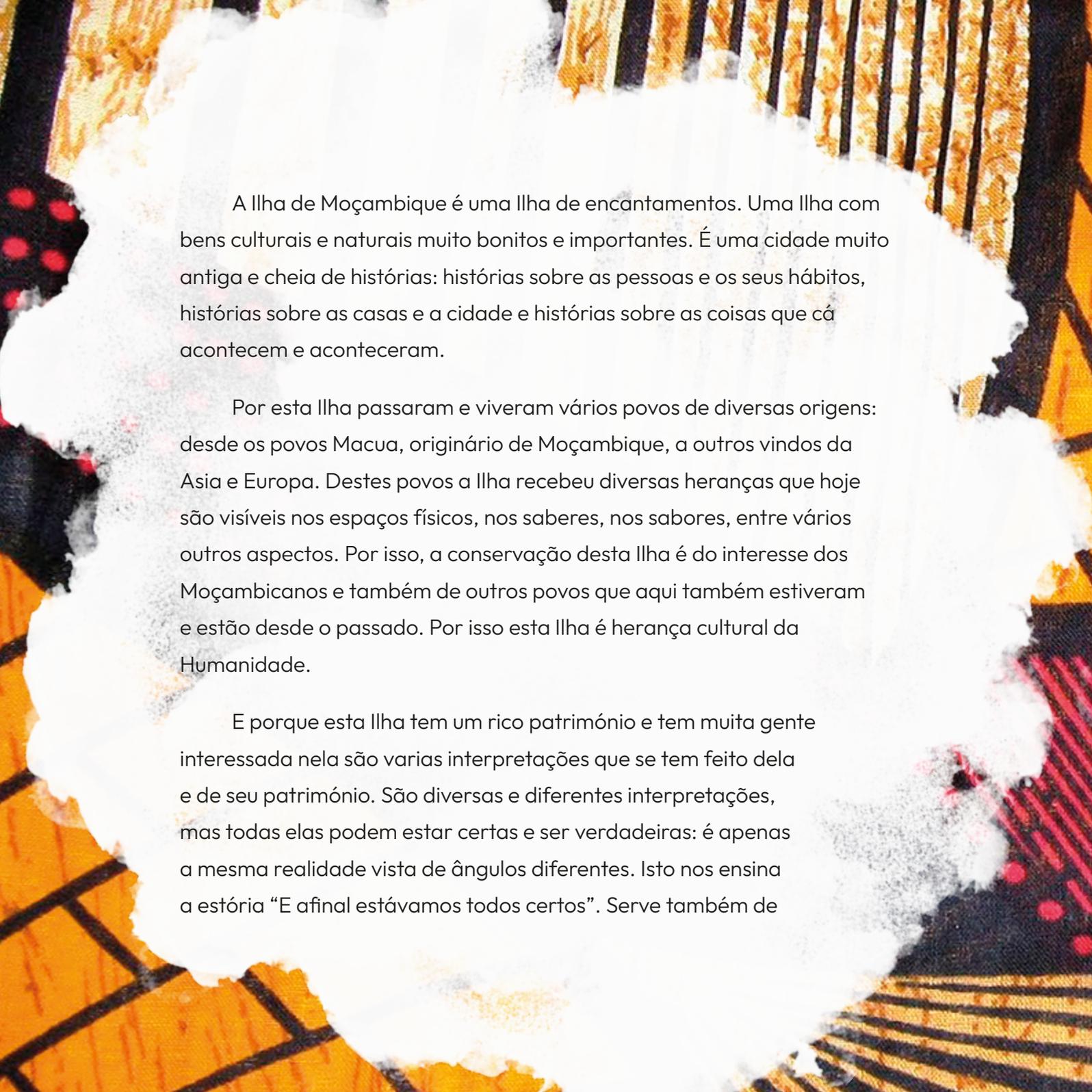
Ao leres este livro ficas a saber o que de melhor tem o nosso património... As nossas estórias, as nossas memórias e o nosso saber-fazer.



Moçambique

A capulana é um tecido feito de algodão e misturado com fibras sintéticas, oriunda da Ásia, com diversas cores e estampas tipicamente usada pelas mulheres. Assume-se como um elemento de representação da cultura local, com diferentes usos e significados no quotidiano, usada principalmente em cerimónias tradicionais como funerais, casamentos, ritos de iniciação, cerimónias mágico-religiosas, etc.

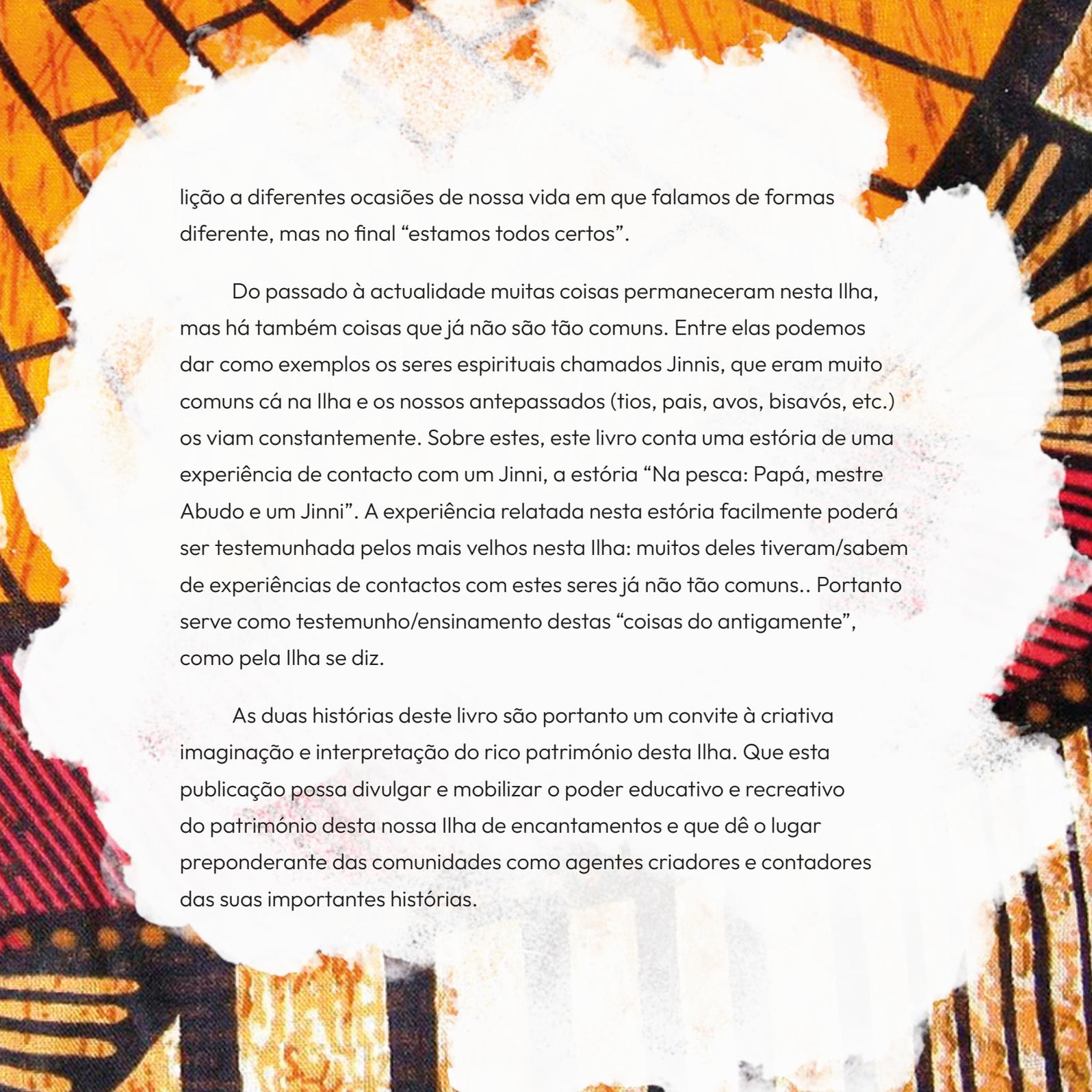
Inicialmente, a capulana era usada como moeda de troca entre povos, e os monarcas usavam-nas como símbolo de representação do poder. No império Mwenemutapa (séc. XV a XVIII), só o Mambo (rei) e as suas principais três esposas é que usavam a capulana como símbolo de ostentação e representação de tradição. Atualmente, além dos usos costumeiros, a capulana é um grande elemento da moda, servindo para a produção de peças de vestuário tanto para homens como para mulheres.



A Ilha de Moçambique é uma Ilha de encantamentos. Uma Ilha com bens culturais e naturais muito bonitos e importantes. É uma cidade muito antiga e cheia de histórias: histórias sobre as pessoas e os seus hábitos, histórias sobre as casas e a cidade e histórias sobre as coisas que cá acontecem e aconteceram.

Por esta Ilha passaram e viveram vários povos de diversas origens: desde os povos Macua, originário de Moçambique, a outros vindos da Ásia e Europa. Destes povos a Ilha recebeu diversas heranças que hoje são visíveis nos espaços físicos, nos saberes, nos sabores, entre vários outros aspectos. Por isso, a conservação desta Ilha é do interesse dos Moçambicanos e também de outros povos que aqui também estiveram e estão desde o passado. Por isso esta Ilha é herança cultural da Humanidade.

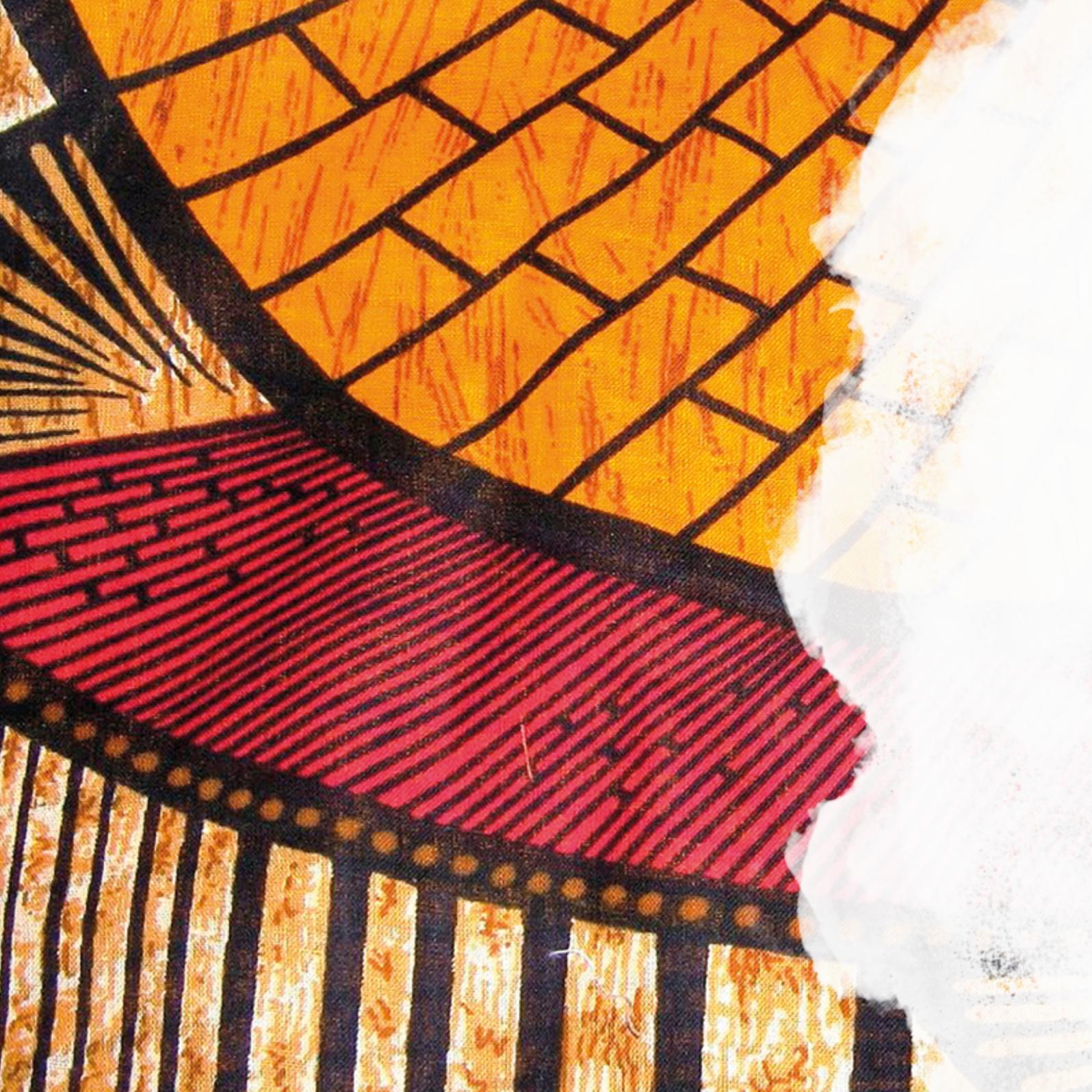
E porque esta Ilha tem um rico património e tem muita gente interessada nela são várias interpretações que se tem feito dela e de seu património. São diversas e diferentes interpretações, mas todas elas podem estar certas e ser verdadeiras: é apenas a mesma realidade vista de ângulos diferentes. Isto nos ensina a estória “E afinal estávamos todos certos”. Serve também de



lição a diferentes ocasiões de nossa vida em que falamos de formas diferente, mas no final “estamos todos certos”.

Do passado à actualidade muitas coisas permaneceram nesta Ilha, mas há também coisas que já não são tão comuns. Entre elas podemos dar como exemplos os seres espirituais chamados Jinnis, que eram muito comuns cá na Ilha e os nossos antepassados (tios, pais, avos, bisavós, etc.) os viam constantemente. Sobre estes, este livro conta uma estória de uma experiência de contacto com um Jinni, a estória “Na pesca: Papá, mestre Abudo e um Jinni”. A experiência relatada nesta estória facilmente poderá ser testemunhada pelos mais velhos nesta Ilha: muitos deles tiveram/sabem de experiências de contactos com estes seres já não tão comuns.. Portanto serve como testemunho/ensinamento destas “coisas do antigamente”, como pela Ilha se diz.

As duas histórias deste livro são portanto um convite à criativa imaginação e interpretação do rico património desta Ilha. Que esta publicação possa divulgar e mobilizar o poder educativo e recreativo do património desta nossa Ilha de encantamentos e que dê o lugar preponderante das comunidades como agentes criadores e contadores das suas importantes histórias.



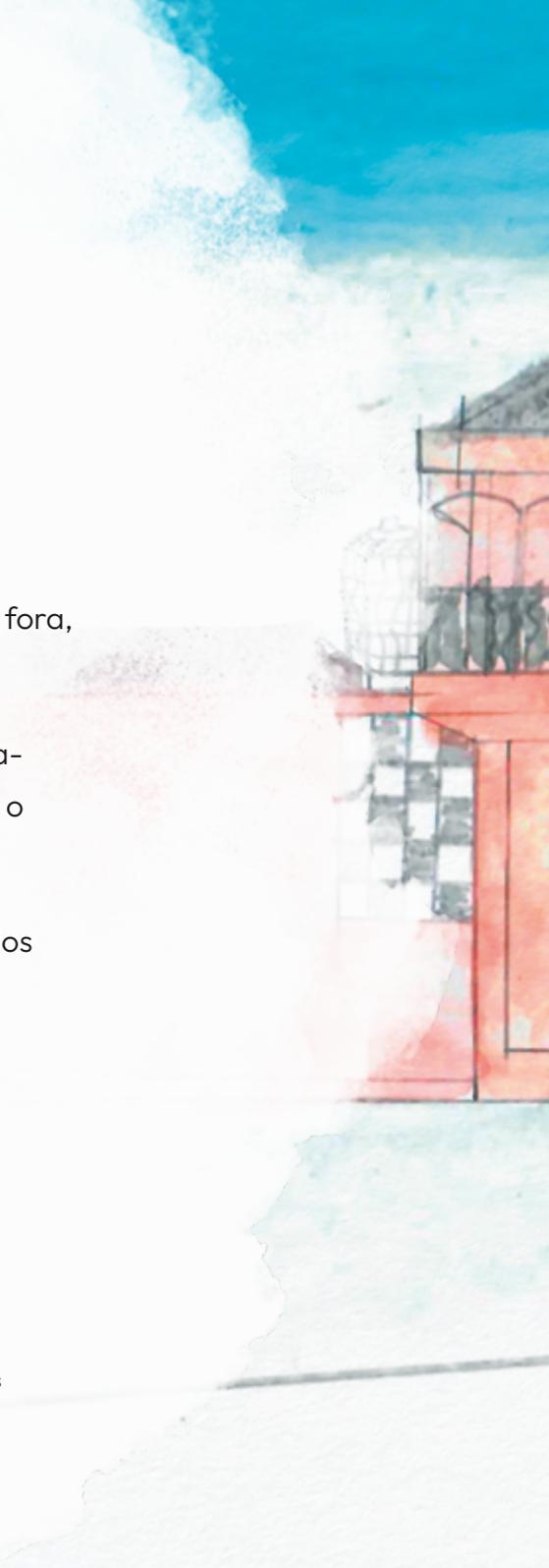
**E AFINAL
ESTÁVAMOS
TODOS
CERTOS**

No intervalo maior saí um pouco demorado da aula, pois ainda terminava de passar o TPC¹ de português. Quando fui lá fora, encontrei os meus amigos: o Aurélio, o Abdul e o Atumane.

Estavam os três discutindo debaixo da sombra da figueira-brava da escola. Discutiam entre si a questão de saber qual foi o povo que fundou a cidade da Ilha de Moçambique.

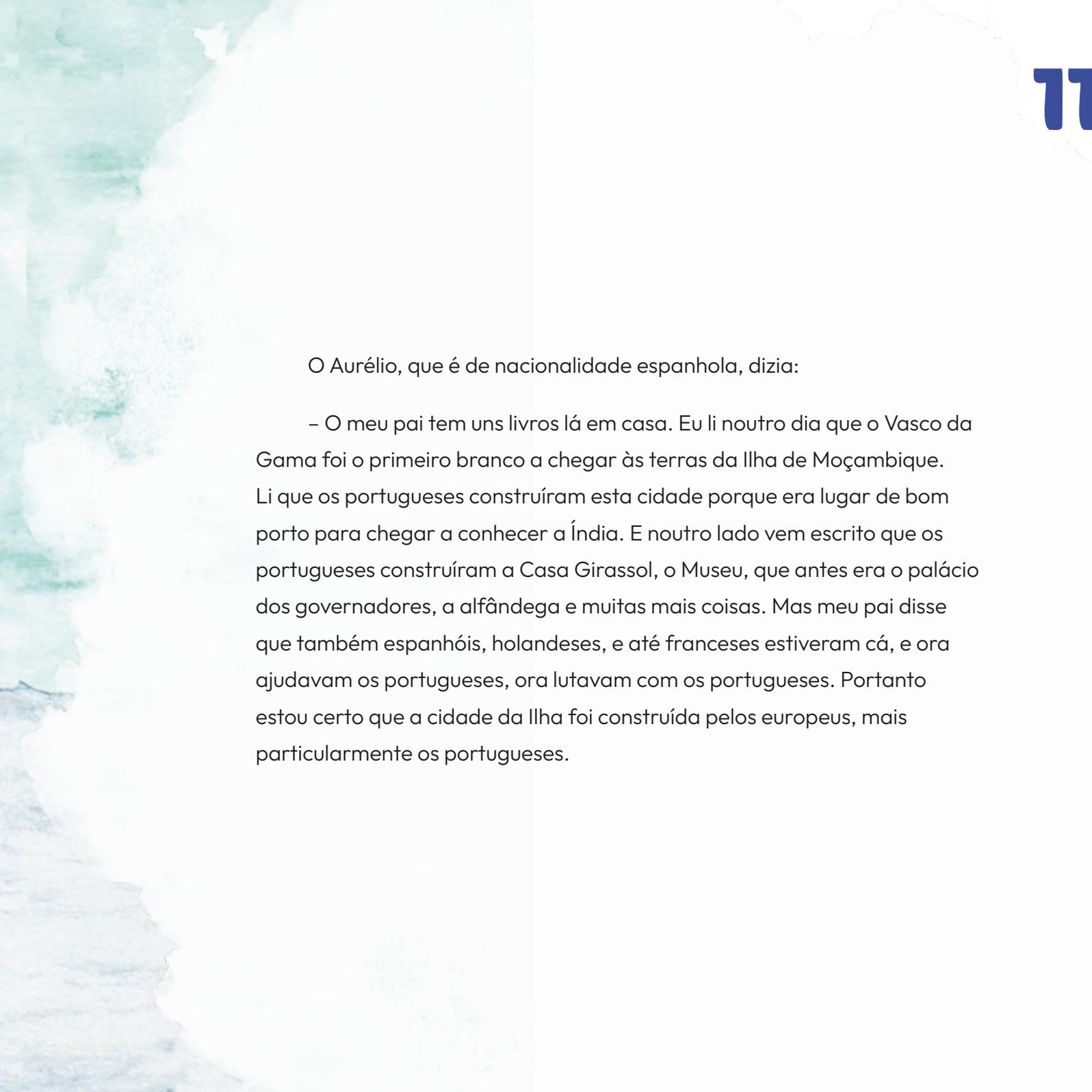
Trabalho Para Casa, como se designam os exercícios dados na escola para resolução pelos alunos em casa.

¹ Trabalho Para Casa, como se designam os exercícios dados na escola para resolução pelos alunos em casa









O Aurélio, que é de nacionalidade espanhola, dizia:

– O meu pai tem uns livros lá em casa. Eu li noutro dia que o Vasco da Gama foi o primeiro branco a chegar às terras da Ilha de Moçambique. Li que os portugueses construíram esta cidade porque era lugar de bom porto para chegar a conhecer a Índia. E noutro lado vem escrito que os portugueses construíram a Casa Girassol, o Museu, que antes era o palácio dos governadores, a alfândega e muitas mais coisas. Mas meu pai disse que também espanhóis, holandeses, e até franceses estiveram cá, e ora ajudavam os portugueses, ora lutavam com os portugueses. Portanto estou certo que a cidade da Ilha foi construída pelos europeus, mais particularmente os portugueses.

- Nada disso! - Dizia o Abdul, que é natural da Ilha, mas de origem asiática, de onde, exactamente, não sei, e se calhar nem ele, pois a sua família já está há muito tempo na ilha, inclusive o seu pai é chefe da Mesquita Bilale. - A cidade foi construída por árabes e indianos. Na verdade, quando os portugueses cá chegaram já eles cá estavam. O meu pai me disse que o avô dele dizia que as ruas da ilha eram muito parecidas com as ruas da Índia, porque foram construídas pelos indianos que há muito tempo vinham fazer comércio na zona do continente. Por isso a verdadeira religião da ilha é o Islão!





Eu vi logo que o Atumane não concordava com estas coisas. O seu olhar reprovava tudo o que os outros diziam. Estava visível que ele só aguardava que os outros se calassem para expor aquilo que achava certo.

E lá veio ele:

– Estamos falhando por começar do meio ou do fim esta história. Na verdade, os portugueses, indianos, árabes e todos os outros povos, quando cá chegaram, encontraram gente. Portugueses que vieram foram poucos, indianos e árabes também poucos e insuficientes para construírem esta cidade. Na verdade, verdadeira, é que quem construiu esta cidade fomos nós, povo Makua Nahara. Nós somos os povos originais da ilha e naquele tempo não se falava português, o nome desta Ilha era apenas Muhipite.

Eu li num livro que os povos de Moçambique eram os povos bantu, mas eu não terminei de ler essa parte do livro. Por isso não sabia explicar bem este assunto que eles discutiam. Talvez se eu tivesse lido mais, saberia, também, dizer alguma coisa sobre o assunto: qual foi o povo que fundou a Ilha de Moçambique.

Mas como não sabia bem sobre o que eles discutiam ouvia tudo o que se falava e não queria meter-me na discussão.

Estavam os três a discutir e não se chegava a conclusão nenhuma porque cada um defendia o que sabia e ninguém admitia estar errado. Então sugeri:

– Por que não vamos perguntar ao tio Amisse que é guia de turismo? Ele sabe das coisas e anda a contar sempre aos turistas.

– Yah², boa ideia! Vamos perguntar ao tio Amisse – Rematou o Abdul.

Os outros concordaram igualmente.

Mal conseguimos esperar o fim das aulas e assim que saímos da escola fomos logo em direcção ao escritório do tio Amisse. Por acaso encontramos-lo pelo caminho antes mesmo de lá chegarmos. Estava ele a despedir-se de um grupo de turistas que parecia estar para entrar no Museu. Aguardamos que ele se despedisse e então corremos ao seu encontro.

² Gíria popular muito usada por crianças e jovens, que significa “sim”.





- *Tio Amisse, tio Amisse!* - Gritou o Abdul todo ofegante.

Tio Amisse parou e olhou para nós.

- *Boa tarde tio Amisse!* - Iniciei eu cumprimentando.

- *Boa tarde tio Amisse!* - Cumprimentou o Abdul.

- *Boa tarde tio Amisse!* - Cumprimentou o Aurélio.

- *Boa tarde tio Amisse! Como está?* - Saudou por último o Atumane.

- *Tudo bem. Com que gastam esta juventude agora? Por quê essa correria atrás de mim?* - Respondeu e perguntou o tio Amisse.

Atumane: *Nada fizemos tio. É só uma questão que queremos fazer.*

Então façam. Qual é a vossa questão? - Perguntou o tio Amisse.





– Tio Amisse, estávamos lá na escola a conversar sobre qual foi o povo que construiu a cidade da Ilha de Moçambique. Eu expliquei que foram os árabes e indianos que construíram as casas, mesquitas e tudo mais, mas eles desmentiram-me! – Protestou o Abdul.

– Não contes a tua versão Abdul! Apenas faça a pergunta e o Tio Amisse vai dar a resposta! – Falou o Atumane.

– Acalmem-se meninos. Então o que querem saber é qual foi o povo que criou a cidade da Ilha de Moçambique, certo?

– Sim, tio Amisse. – Respondeu o Atumane.

– Ok! Mas o que vocês acham? O que é que cada um de vós pensa? – Voltou a questionar o tio Amisse.

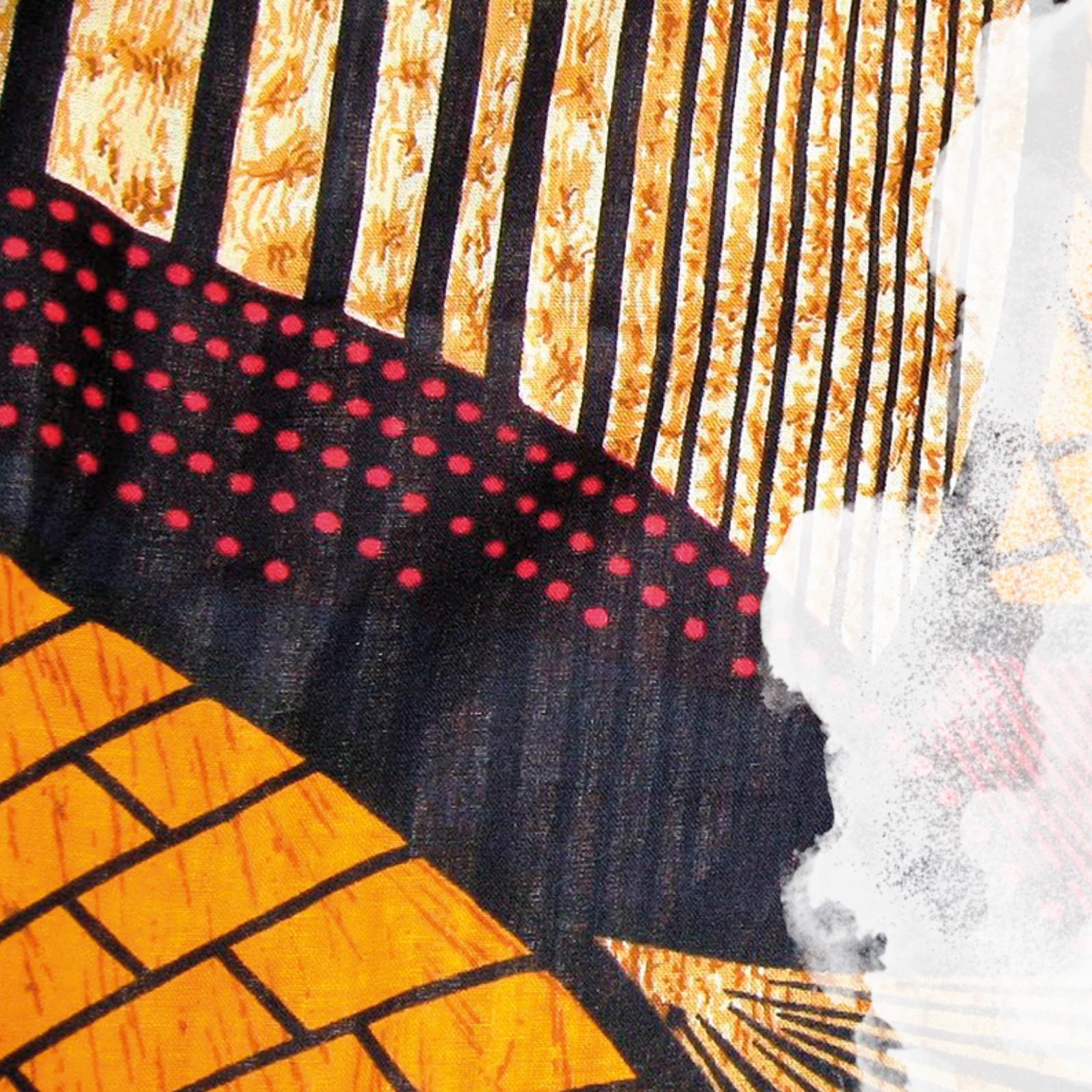
Então apresentaram todos os seus argumentos. Cada um apontando o povo que achava que tinha construído a cidade da Ilha de Moçambique e apontando a justificação. Terminando os três de falar, o tio Amisse olhou para mim e perguntou:

– E tu? O que achas? Qual foi o povo que criou a cidade?

Eu disse que não sabia. Mas que li em algum livro que antigamente em Moçambique vivia o povo Bantu, apenas isso, e mais nada sabia sobre o povo que criou a ilha.

- Muito bem! - Disse o tio Amisse. - Na verdade todos vocês estão certos! Todos dizem uma parte da mesma verdade. Na verdade, a cidade da Ilha de Moçambique é resultado do trabalho de muitos povos. Todos estes povos que vocês citaram estiveram na Ilha e contribuíram para o que é hoje a nossa cidade. O povo Makua é parte do povo bantu. Eles, juntos dos árabes, indianos e europeus, com destaque para os portugueses como disse o Aurélio, construíram ao longo de vários anos a cidade da Ilha de Moçambique. Portanto, todos vocês estão certos. Mas atenção que na Ilha não existe apenas uma cidade. Na verdade, são duas cidades: cidade de Pedra e cal e cidade de Macuti. Mas isto é outra história. Estão todos, também, de parabéns por saberem algo sobre a nossa Ilha. Continuem lendo livros, perguntando as pessoas e aprendendo mais sobre a nossa cidade. Parabéns!





**NA PESCA:
PAPÁ,
MESTRE ABUDO
E UM JINNI³**

Contou-me o meu pai esta estória que lhe aconteceu no tempo em que aprendia a arte da pesca. Conta que foi ainda na primeira semana. Ia ele com o seu mestre, que lhe ensinava a arte, apenas eles os dois na embarcação: papá e mestre Abudo. Contou-me papá que o vento era fraco e o pescado raro naquela noite.





E iam eles já bem distantes da praia e próximos ao alto mar. De repente, aparece-lhes alguém que afigurava ser pescador pois estava também em sua pequena embarcação do tipo geralmente usado pelos pescadores. Remava muito firmemente parecendo um habilidoso pescador e bom conhecedor do mar. Parecia passar ali apenas por acaso, e papá conta que teve a vaga sensação de que o conhecia.



Este senhor, provavelmente vendo que os seus próximos estavam com dificuldades de achar pescado, sugere-lhes:

– Vocês, ainda não notaram que por aqui não há pescado? Avancemos por este lado, que mostrar-vos-ei bom lugar com pescado.

Conta papá que naquele momento alegrou-se de certa maneira, pois achou que finalmente teriam ajuda, achariam pescado e logo voltariam para casa. Entretanto, naquele momento o mestre Abudo nada respondeu. Papá, que esperava que seu mestre respondesse, pois era ele o dono do barco e responsável pela pesca, calou-se também e nem sequer perguntou algo sobre o assunto, mas estava furioso pela oportunidade que perderiam de ter ajuda de quem realmente conhece as ruas do mar.

“Talvez seja um adversário, um concorrente a quem ele evita de todas as maneiras; ou talvez tenha tido uma experiência amarga com ele no passado e por isso evita até dirigir-lhe a palavra”. Pensou depois.



Conta papá que, quando chegaram em terra firme, disse-lhe o mestre Abudo:

– Aquele não é pessoa. Era sim um Jinni, espírito disfarçado de pessoa. Se o tivéssemos seguido ou mesmo respondido, sei lá qual seria o nosso destino!

Quando mestre Abudo disse isto, papá conta que sentiu terror e alívio. Terror pela experiência e alívio por nada de mal lhes ter acontecido.

Papá pensou então: “na minha pressa em querer tudo de forma mais fácil, eu teria me esquecido das regras mais elementares de protecção que aprendi no Mwali⁴, e teria me atirado de corpo e alma nos braços do desconhecido que encontrara”.

– Da próxima vez seja mais cauteloso. Disse o mestre Abudo.

– Eu tive a impressão de que também o conheço, por isso estaria aberto a ajuda. Respondeu o papá.

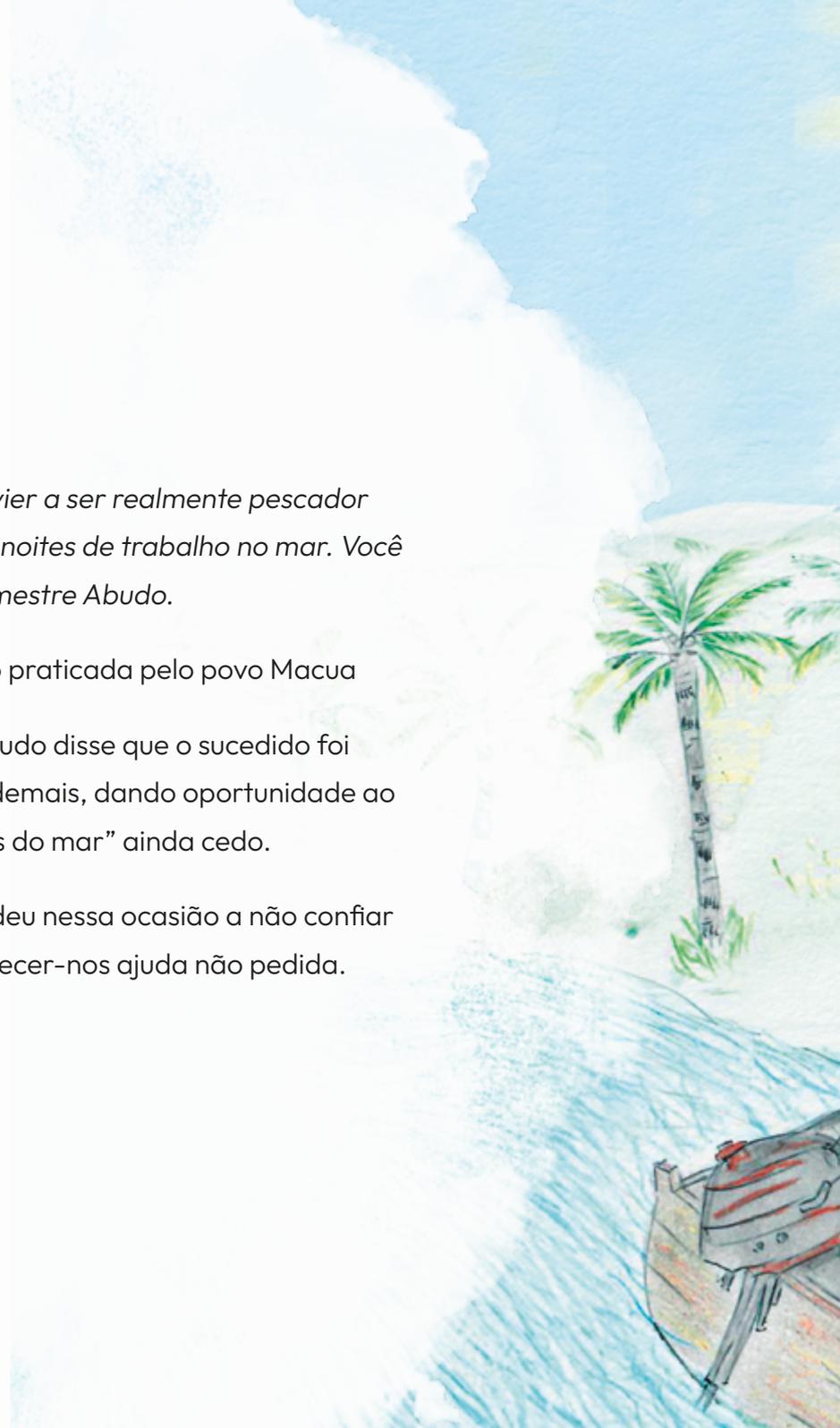
4 Cerimónia de ritos de iniciação praticada pelo povo Macua

– Jinnis têm poderes! Se você vier a ser realmente pescador irá encontrar vários outros nas tuas noites de trabalho no mar. Você irá perceber por si só! – Finalizou o mestre Abudo.

Cerimónia de ritos de iniciação praticada pelo povo Macua

Papá afirmou que o mestre Abudo disse que o sucedido foi bom porque o Jinni apareceu cedo demais, dando oportunidade ao iniciante de ir aprendendo as “coisas do mar” ainda cedo.

Papá conta, então, que aprendeu nessa ocasião a não confiar em qualquer um que aparece a oferecer-nos ajuda não pedida.





ILHA DE MOÇAMBIQUE

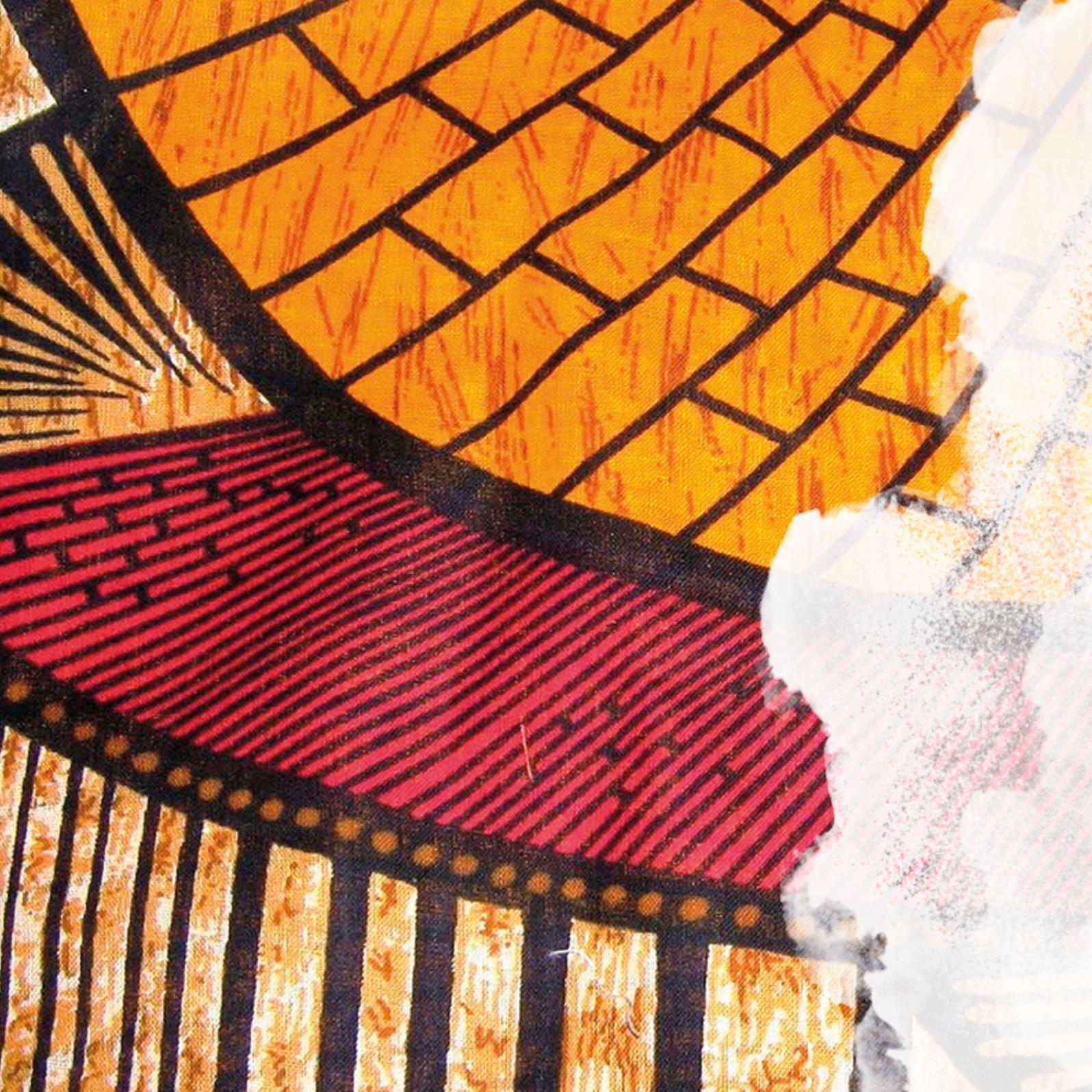
Terra alegre, banhada de diferentes povos
Vizinha de três Ilhotas não habitadas
Onde de longas viagens os portugueses navegaram
De caminhos tortos os árabes chegaram
De missangas e tecidos os indianos se renderam
Condensa vivência acumulada, fusão de povos e culturas
Mulheres arroladas nas batucadas ao som do tufo
Barcos e nahotas⁵ navegando a favor do vento.

5 Capitão da embarcação dos Pescadores, linguagem Emakua

ILHA DE MOÇAMBIQUE

Os nossos hábitos nos encantam
Prosperando fazeres que nos espantam
Na voz estendida do mar surdo
Vazio remoto de quem escuta
Eu escuto
Som de kankaia⁶ rumo a pesca,
Escuto o som do maulide na maravilhosa voz de quem por
aqui passou.

Celma Alves Selemane





Ficha Técnica

Título: E afinal estávamos todos certos

Autor: Filipe Alage

Ilustrações: Grupo de jovens desenhistas da Ilha de Moçambique: Abdul Momade, Charmaque Mucussete, Jamal Mussa, Molde Ibraimo, Mussagy Essiaca, Rahisse Sumaila, Saíde Nahota, e Jacinto Abdul

Coordenação Editorial: Alcínio M. B. A. Muimela

Revisão: Alcínio M. B. A. Muimela e Luísa Janeirinho

Coordenação Geral: Associação Marquês de Valle Flôr e SPHAERA MUNDI

Edição: 1ª Edição

Volume 1

Design e Paginação: A Cor Laranja

Impressão: Onda Grafe

Tiragem: 100 exemplares

ISBN: 978-989-53141-7-1

Ano: 2023





ILHAS E ENCANTAMENTOS



ilhasencantamentos.org

Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos seus autores e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.

Esta publicação foi produzida com cofinanciamento do Camões, I.P. Os conteúdos são da responsabilidade exclusiva dos seus autores. Nem o Camões, I.P, nem qualquer pessoa agindo em seu nome é responsável pela utilização que possa ser dada às informações contidas na presente publicação. O seu conteúdo não implica a expressão de opinião do Camões, I.P ou do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal. A referência a ações, produtos, ferramentas ou serviços específicos não implica que estes sejam apoiados ou recomendados pelo Camões, I.P, ou que lhes seja atribuída qualquer preferência relativamente a outros não são mencionados.



Casa da Cultura
de São Tomé e Príncipe

Ação financiada pela União Europeia, cofinanciada e gerida pelo Camões, I.P.